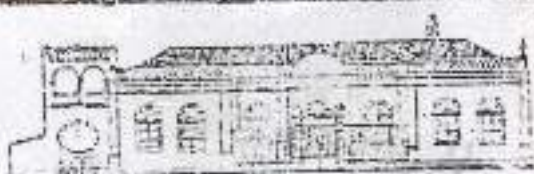


J. FERNANDES MASCARENHAS

A LUTA CONTRA OS FRANCESES À PONTE DE QUELFES



OLHÃO
1981



MUSEU DO TRAJO

S. Brás de Alportel

3209 Biblioteca

Inv. N.º 3844 Cota N.º 3-1

J. FERNANDES MASCARENHAS

**A LUTA CONTRA OS FRANCESES
À PONTE DE QUELFES**

OLHÃO
1981

SEPARATA DE «A VOZ DE OLHÃO»

Antes de mais, cumpre-me agradecer à Exma. Câmara Municipal de Olhão a honra do convite para proferir, neste lugar, algumas palavras sobre os acontecimentos históricos que hoje se comemoram.

Embora não vá entrar em grandes pormenores, não posso no entanto deixar de enquadrar o ataque feito aos franceses junto à Ponte de Quelfes, nos acontecimentos que o antecederam e determinaram (1).

× × ×

As manifestações patrióticas que se verificaram em Olhão pelas festas de Santo António de 1808, quando o escrivão do seu Compromisso Marítimo, João da Rosa, corajosamente destapou as armas reais portuguesas da capela onde se encontrava a imagem do glorioso taumaturgo, as quais tinham sido tapadas com um painel de Nossa Senhora da Conceição, atingiram o auge em 16 de Junho desse ano, dia da festa do Corpo de Deus, na altura em que o Coronel José Lopes de Sousa, governador de Vila Real de Santo António, em mudança de ares em Olhão desde 10 de Março do mesmo ano, se dirigia para a Igreja Matriz de Olhão com sua família para assistir à Missa desse grande dia de festa.

Eram dez horas e meia solares quando esse facto extraordinário da vida do povo de Olhão se deu. Os sinos tocavam para a Missa. Ao verem um edital à porta da Igreja e outro no pelourinho (a cadeia, na Rua do Gaibeu), como diz João da Rosa, convidando os portugueses «a fazerem causa comum contra a Espanha insurrecta» (2) e com promessas feitas pelos invasores franceses, José Lopes de Sousa falando especialmente aos marítimos que aí se encontravam em grande número, afirmava peremptoriamente que «já não havia homens do mar como os antigos» (3), recebendo como resposta imediata «que eram homens como os seus antecessores, fiéis e leais a S. Magestade, por quem estavam prontos a derramar a última pinga de sangue» (4). Ao mesmo tempo foram, apressadamente, rasgar os editais e, subindo à torre da bela igreja que os pescadores ergueram, começaram a tocar a rebate.

A revolta tinha eclodido e de que forma? A porta dum templo querido dos olhanenses e no dia em que a Igreja celebra o maior mistério da Fé.

O que teria sido aquela Missa celebrada pelo Padre António de Matos Malveiro, Prior de Olhão, outro grande patriota, podemos todos calcular. Foi celebrada no meio de entusiasmo, sem medo dos estrangeiros que espezinhavam e profanavam a Terra Portuguesa. E os sinos não cessavam de tocar convidando o povo de Olhão e das redondezas a colaborar activamente no acontecimento. Era preciso correr de vez com os franceses de Portugal que cometiam as maiores atrocidades, roubos e violações.

Armas não as tinham de momento. Era necessário providenciar no sentido de as obter e o mais rapidamente possível. Os olhanenses não param.

Metem-se nos seus barcos e dirigem-se uns para a *barra grande* e outros para a *barra nova* e trouxeram peças de artilharia, algumas munições e pólvora.

No forte da barra o Sargento Jacinto Ramalho Ortigão, outro patriota, não só lhes forneceu tudo o que tinha em seu poder como embarcou nos próprios barcos e foi com os seus soldados ajudar o povo revoltado contra os franceses. O mesmo já não sucedeu com o Tenente José Alberto na *barra nova* que não só não forneceu quaisquer armas e munições como mandou formar os soldados contra os marítimos.

Por outro lado, a esquadra inglesa ancorada na Figueirita também em nada auxiliou. Só se conseguindo em Ayamonte, graças aos esforços do grande patriota, Capitão Sebastião Martins Mestre, de Tavira, que os ajudou nessa espinhosa e difícil missão, sendo-lhes finalmente cedidas 130 espingardas, que vieram para Olhão num barco do mestre Cristóvão Gomes, o qual tinha sido no ano anterior juiz do Compromisso Marítimo.

Com esse pouco armamento procuraram os olhanenses enfrentar as tropas de Junot que ocupavam o Algarve, tendo sido uma das primeiras medidas de Napoleão extinguir as milícias portuguesas.

As armas eram poucas, sem dúvida, mas outras viriam posteriormente. O que era preciso era lançar o rastilho e isso foi feito e de que forma!

X X X

Não vou aqui descrever o que foram todos esses acontecimentos que se conhecem e vêm narrados na notável obra do historiador e académico olhanense, Dr. Alberto Iria, «A Invasão de Junot no Algarve»; na *Memória* escrita por João da Rosa; na «Monografia do Concelho de Olhão», do Dr. Ataíde Oliveira; nos belos trabalhos do escritor Antero Nobre e noutros estudos de outros escritores e historiadores. O que vou sim é tratar já dos factos relacionados com a Ponte de Quelfes, a finalidade principal desta palestra. Mas, ao fazê-lo, aflora à minha memória uma alocução que proferi em Coolela ante a juventude escolar de Moçambique, quando esse lindo, rico e vasto território que o Índico banha, era Portugal. Aí exaltei a vitória do Coronel Galhardo e dos seus soldados que possibilitou a vitória retumbante do Chaimite por Mouzinho de Albuquerque.

Com emoção lá foram lembrados também os combatentes do Algarve, designadamente de Moncarapacho, um de nome José Inácio dos Reis, por alcunha «José Pequeno», que ainda conheci já com a avançada idade de 94 anos, e acompanhei à sepultura no ano de 1969.

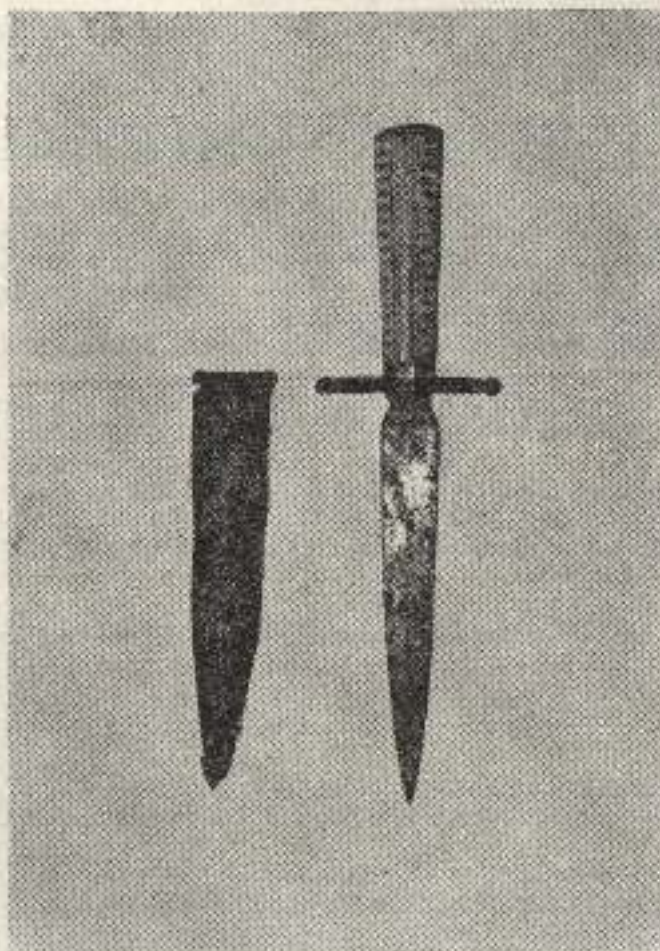
As tropas francesas tinham chegado a Moncarapacho ao meio dia de 18 de Junho, em direcção a Faro, provenientes de Vila Real de Santo António, pelo caminho que passa sobre a Ponte Velha de Quelfes, uma antiga via romana.

Em Moncarapacho fizeram roubos e atrocidades, como era seu hábito. Devia ter sido nessa altura que saquearam a linda Capela de Santo Cristo, roubando-lhe as suas preciosas alfaías em ouro e prata.

Um soldado belga que também fazia parte do Exército Francês, vendo uma criança próxima da Capela do Pé da Cruz, fez-lhe pontaria com uma arma, ferindo-a fortemente mas não a matando. E, na precipitação, deixou

abandonado um punhal com cabo de marfim, o qual ainda há anos existia e cujo episódio foi narrado pela pessoa que possuía o referido punhal.

Por seu turno, encontrava-se nesse dia em plena Rua da Carreira uma criança morta numa das suas casas de residência, apenas acompanhada por uma irmãzinha, de nome Maria da Graça, pois toda a família tinha fugido



**Punhal deixado em Moncarapacho por um
soldado das Invasões Francesas.**

ante a aproximação dos franceses. Eles entraram na referida casa e não maltrataram a criança que acompanhava a morta. Essa criança era nem mais nem menos do que aquela mulher que mais tarde nos aparece, já muito velha, no episódio do «mourinho vestido de vermelho», que tem por cenário o *Pego Bum-Bum*, no Ribeiro Tronco em Moncarapacho, e vem narrado

no livro «As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve», de Ataíde Oliveira.

São pequenos factos dados a conhecer pela primeira vez. E quantos outros do género não se teriam verificado com a soldadesca francesa que assolava o Algarve?

O certo é que as tropas francesas passaram à Ponte de Quelfes na tarde desse dia calmoso de Junho.

Os patriotas de Olhão, auxiliados pelos camponeses da região e pelas milícias, deram-lhes combate, comandados pelo Capitão Sebastião Martins Mestre, obrigando-as a fugir por entre os matos do Joinal, matando-lhes 18 soldados e ferindo-lhes 12. E da parte portuguesa apenas 1 camponês e alguns que não eram partidários da revolução. Na fuga os franceses deixaram munições abandonadas.

Os resultados desse encontro teriam porventura sido melhores para os olhanenses se os marítimos não se tivessem denunciado imediatamente por detrás das moitas, no meio do seu entusiasmo. Eram homens não habituados a lutas desta natureza. No entanto, a acção foi bastante útil com o auxílio das milícias que também tomaram parte.

Essas milícias foram comandadas pelo Capitão Manuel Madeira Nobre, de Moncarapacho, do Regimento da Comarca de Tavira.

Foi também um esforçado combatente nessa tarde o Alferes Leonardo Palermo de Faria, da Companhia de Granadeiros do Regimento da mesma Comarca, também de Moncarapacho, posteriormente promovido a capitão, por distinção, cuja carta patente está datada do Rio de Janeiro. Leonardo Palermo de Faria, como atesta o Capitão Manuel Madeira Nobre, arriscou a «Sua vida no primeiro ataque feito aos Franceses à Ponte de Quelfes Reino do Algarve em que eu me achei, dando Socorro ao Povo de Olhão com treze soldados, e dois Officiais inferiores, e o dito meu Alferes trabalhou contra o inimigo com fortaleza e actives, com Zelo de Leal vassalo, dando provas de verdadeiro Português, e fiel ao Nome do Augusto Soberano, o que fará em todas as occasioens» (5).

Do género desta, outras atestações existem sobre o comportamento militar e moral deste oficial.

Durante muito tempo se desconhecera os nomes destes oficiais, mas em tão boa hora consegui no «Arquivo Histórico Militar de Lisboa» localizar vários documentos inéditos sobre o assunto, por mim já oportunamente publicados, onde estes factos vêm relatados e bem assim as cartas patentes de promoção dos oficiais que andaram nestas e noutras lutas contra os franceses, no Algarve e fora dele. Esses documentos, como se viu, chamam *ataque* a essa luta que se travou à Ponte de Quelfes e pelos matos do Joinal, ou seja, onde proliferava a *Joina*, que é uma leguminosa espontânea.

Este combate foi dos primeiros em que as tropas de Napoleão foram derrotadas. Quer dizer, à Ponte de Quelfes começaram a cair as primeiras penas das águias napoleónicas que, mais tarde, haviam de ser completamente aniquiladas na célebre batalha de Waterloo.

E que, aqueles que põem a terra a ferro e fogo têm todos eles os seus dias contados e o que sucedeu a Napoleão Bonaparte sucederá a todos que tiveram tal espírito de fazer a guerra aos outros para imporem o seu poder despótico sem o devido respeito pela dignidade humana.

As forças que foram derrotadas à Ponte de Quelfes eram num total de 185 granadeiros. Os franceses puseram-se em fuga, como dissemos, pelos matos do Joinal até à *Meia Légua*, «com baixas que procuraram ocultar, sem deixarem de ser perseguidos pelos nossos em *«peleja»*, como diz João da Rosa (6).

Uma vez na *Meia Légua* avisaram os franceses o seu general do que se tinha passado, recebendo como resposta auxílio de Artilharia, pelo que voltaram novamente contra os olhanenses que se tinham deixado ficar no campo. E a luta continuou, desta vez mais forte e de efeitos bastante eficazes para os nossos.

Se à Ponte de Quelfes tiveram os franceses 18 mortos e 12 feridos e dos nossos apenas um camponês e mais algumas pessoas que não eram partidárias da revolta, à *Meia Légua* o caso foi mais sério, pois «foram rechassados com perda de 25 homens, deixando no campo 16 mortos, suas mochilas, um obuz encravado, com todas as munições e pólvora espalhada pelo chão» (7).

Precisamente nestes termos me referi a tais acontecimentos em 1950, no meu estudo que se encontra publicado: «A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos».



A Ponte Velha de Quelfes, no seu estado actual.

O Capitão Sebastião Martins Mestre recebeu nessa tarde uma grande contusão no peito. Era a «medalha de valor, lealdade e mérito» pelos seus feitos heróicos.

O dia 18 de Junho foi pois um dia de glória para o concelho de Olhão. Nele Sebastião Martins Mestre com alguns paisanos embarcados num caí-que surpreendeu no mar as tropas que se dirigiam de Tavira para Faro, aprisionando-as. Dá-se o ataque à Ponte de Quêfes que estamos comemorando e, por fim, na Meia Léguas.

Graças a estes acontecimentos, no dia seguinte Faro levantava o pendão da revolta que se estendeu a todo o Algarve.

Tarde memorável foi essa de 18 de Junho junto à Ponte de Quêfes e na Meia Léguas! Esta segunda luta foi uma consequência da primeira e até porque os combatentes portugueses eram os mesmos que tinham ficado no campo como vencedores que eram.

Nessa velha ponte devia ser colocada uma lápide com um texto detalhado sobre o acontecimento que aí se deu, restaurando-a primeiramente, pois encontra-se em péssimo estado, quase em ruína, e considerando-a como monumento nacional para que, amanhã, ninguém por ignorância a possa mandar demolir. O povo de Olhão deve ter bem presente o vandalismo da destruição dos seus lindos bancos de azulejos que existiam no Jardim de João Serra!

Ainda relacionado com estes acontecimentos que se estão comemorando, verifiquei ultimamente um caso curioso. Ao executarem-se obras no telhado da Igreja da Misericórdia de Moncarapacho, descobri, com satisfação, que o único sino que se encontra na respectiva sineira, foi mandado fazer por Manuel Madeira Nobre em 1800.

Suponho tratar-se do combatente do mesmo nome à Ponte de Quêfes. Porém, de momento ainda não posso afirmar categoricamente, dado que as respectivas investigações ainda não se encontram ultimadas.

Donde teria vindo o sino para aí, se em 1800 o Capitão Manuel Madeira Nobre ainda não era irmão da Santa Casa da Misericórdia, o que se verificou mais tarde?

Por outro lado, o relógio que hoje se encontra na torre da Igreja Matriz de Moncarapacho e que esteve durante muitos anos na torre da Igreja Matriz de Olhão, foi o que, certamente, marcou as horas durante os acontecimentos históricos que estamos comemorando. O relógio tem a data de 1760. É mais uma relíquia a juntar a outras!

A cidade de Faro, como dissemos anteriormente, tinha-se revoltado também e, na Igreja do Carmo, constituiu-se uma Junta Governativa. E em vão as tropas francesas derrotadas e dispersas pela região tentam amedrontar o povo e os patriotas de rija ténpera.

Na madrugada de 20 de Julho passavam elas pela povoação da Luz de Tavira em cuja igreja entraram e roubaram a sua valiosa custódia que os luzenses ousadamente conseguiram recuperar nesse mesmo dia (8).

Por outro lado, diz o Major João Xavier de Castanheda, de Moncarapacho, numa carta datada talvez de 1810, dirigida ao Príncipe Regente Dom João e que também descobri no «Arquivo Histórico Militar de Lisboa» que, na noite de 22 de Junho, pelas 21 horas, passaram as tropas francesas por Moncarapacho e que ele com decisão e prudência evitou uma chacina na aldeia, tirando uma arma da mão de um soldado do Regimento de Tavira que queria atirar um tiro à guarda avançada, procurando ao mesmo tempo convencer o oficial francês que vinha à frente, que aquela gente que se en-

contrava ali àquela hora, tinha vindo receber os salários das ceifas. Desta forma conseguiu que as tropas francesas deixassem a aldeia em paz, dado que a população estava praticamente desarmada e, portanto, sem possibilidades de lutar eficientemente. Vinham, diz o referido oficial de Milícias,



**O velho sino da Capela da Misericórdia
de Moncarapacho.**

combatidas de Faro e Olhão. E esse oficial, já de avançada idade, esteve activíssimo durante todo o período da Restauração.

Nos acontecimentos desses dias aparece-nos um capitão francês de nome Gaviel ou Garriel com os seus granadeiros e caçadores.

Até uma peça teatral, da autoria do Dr. Luís de Sequeira Oliva de Sousa Cabral, bacharel em direito e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, intitulada «Restauração dos Algarves, ou os Heroes de Faro e

Olhão, drama historico em tres actos», se refere a esse tal official. Foi publicada no ano de 1809, portanto um ano após os célebres acontecimentos que engrinaldam os fastos do concelho de Olhão.

Como se vê, além dos livros de história, de poesia e artigos vários sobre a revolta contra os franceses, appareceu também esta peça teatral escrita sobre os referidos acontecimentos, tal o relêvo que os mesmos tiveram, mais evidenciados ainda com a ida do caíque ao Rio de Janeiro, no fim do mês de Junho, a dar a feliz notícia ao Príncipe Regente Dom João e à côrte que muito sensalmente se tinham transferido para o Brasil para que não lhes succedesse o mesmo que na vizinha Espanha, em que a Família Real ficou prisioneira de Napoleão Bonaparte.

O combate à Ponte de Quelfes é pois um acontecimento importante pelo que ele representa em si e pelas suas consequências vantajosas na Restauração do Algarve e do País.

Curvemo-nos, pois, reverentes ante a memória daqueles que arriscaram a sua vida em 16 e 18 de Junho de 1808 pela Pátria.

Quanto à *Memória* escrita por João da Rosa sobre o levantamento contra os franceses em Olhão, o seu manuscrito devia ser publicado na íntegra, devidamente anotado, juntamente com o alvará régio que elevou Olhão a Vila, sob a designação muito honrosa de Vila de Olhão da Restauração, tornando assim esses documentos mais conhecidos, sobretudo da juventude do nosso concelho que, nestes desvaireados tempos em que vivemos, precisa de formar e fortalecer o seu espírito nos grandes episódios de coragem, brio, honradez e amor pátrio.

É mais um voto que aqui fica em homenagem, quer a João da Rosa, verdadeiro pioneiro da Restauração do Algarve, quer a todos os patriotas de Olhão e seu Termo que, sem receios e tibiezas, puseram a sua vida ao serviço da sua e nossa Pátria muito amada.

16-6-1980

- (1) Presidiu à sessão solene onde esta palestra foi proferida, o Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal, ladeado pelo Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Olhão, Vereação, outras autoridades locais e pelos oradores da mesma sessão.
- (2) Alberto Iria — *A Invasão de Junot no Algarve*, Lisboa, 1941, p. 37.
- (3) João da Rosa — *Memória*, in «Monografia do Concelho de Olhão da Restauração», 1906, p. 311.
- (4) Idem, idem.
- (5) J. Fernandes Mascarenhas — *A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos*, Vila Real de Santo António, p. 13.
- (6) João da Rosa — *Memória*, in «A Invasão de Junot no Algarve», *ob. cit.*, pp. 310 — 311.
- (7) *Relação da feliz e gloriosa restauração do Reino do Algarve*, in «Gazeta de Lisboa», de 17 de Setembro de 1808, transcrita em *Notícias Históricas de Tavira*, de Damião Augusto de Brito Vasconcelos, Lisboa, 1937, pp. 74 — 76.
- (8) Francisco Xavier Ataíde Oliveira — *Monografia da Luz de Tavira*, Porto, 1913, pp. 158 — 159.

BIBLIOGRAFIA

- Alberto Iria — *A Invasão de Junot no Algarve*, Lisboa, 1941.
Henrique de Campos Ferreira de Lima e Alberto de Sousa — *O Exército Português*, s/d.
Antero Nobre — *Do Logo de Olham à Vila de Olhão da Restauração*, Lisboa, 1959.
J. Fernandes Mascarenhas — *A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos*, Vila Real de Santo António, 1950.
Ataíde Oliveira — *Monografia do Concelho de Olhão da Restauração*, 1906.
 Monografia da Luz de Tavira, Porto, 1913.
 As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve, Tavira, 1898.
Coronel Miguel Victoriano Pereira Garcia — *A Guerra Peninsular, suas causas e efeitos*, Lisboa, 1933.
Manuel João Paulo Rocha — *As Forças Militares de Lagos nas guerras da Restauração e Peninsular e nas pugnas da Liberdade*, Porto 1910.
Damião Augusto de Brito Vasconcelos — *Notícias Históricas de Tavira*, Lisboa, 1937.
João da Rosa — *Memória (do escrivão do Compromisso Marítimo de Olhão)*.
L. S. O. — *Restauração dos Algarves, ou os Heroes de Faro e Olhão, drama historico em tres actos*, Lisboa, 1809.

NOTA — Por recente despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura, foi a Ponte Velha de Quelfes classificada como «imóvel de interesse público».

É de toda a justiça pôr em destaque o interesse manifestado pelo Instituto Português do Património Cultural, designadamente pela sua ilustre Presidente, Senhora Dr.^a D. Maria Natália Correia Guedes, na classificação agora efectuada, salvando-se, desta forma, mais um dos valores culturais do Algarve. E também, por parte da Exma. Assembleia Municipal do Concelho de Olhão e da respectiva Câmara Municipal.

O punhal a que faço alusão no texto (de cabo de marfim e bainha e com 0,29 m. de comprimento), pertence hoje ao meu primo e amigo, Sr. Francisco Luís de Mendonça Vargues, a quem muito agradeço a atenção de me deixar mandar tirar uma fotografia e proceder à sua publicação neste trabalho.

Fotos do Sr. Manuel de Horta Faria — Moncarapacho

BIBLIOGRAFIA

- Alberto Iria — *A Invasão de Junot no Algarve*, Lisboa, 1941.
Henrique de Campos Ferreira de Lima e Alberto de Sousa — *O Exército Português*, s/d.
Antero Nobre — *Do Logo de Olham à Vila de Olhão da Restauração*, Lisboa, 1959.
J. Fernandes Mascarenhas — *A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos*, Vila Real de Santo António, 1950.
Ataide Oliveira — *Monografia do Concelho de Olhão da Restauração*, 1906.
 Monografia da Luz de Tavira, Porto, 1913.
 As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve, Tavira, 1898.
Coronel Miguel Victoriano Pereira Garcia — *A Guerra Peninsular, suas causas e efeitos*, Lisboa, 1933.
Manuel João Paulo Rocha — *As Forças Militares de Lagos nas guerras da Restauração e Peninsular e nas pugnas da Liberdade*, Porto 1910.
Damião Augusto de Brito Vasconcelos — *Notícias Históricas de Tavira*, Lisboa, 1937.
João da Rosa — *Memória* (do escrivão do Compromisso Marítimo de Olhão).
L. S. O. — *Restauração dos Algarves, ou os Heroes de Faro e Olhão, drama historico em tres actos*, Lisboa, 1809.

NOTA — Por recente despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura, foi a Ponte Velha de Quelfes classificada como «imóvel de interesse público».

É de toda a justiça pôr em destaque o interesse manifestado pelo Instituto Português do Património Cultural, designadamente pela sua ilustre Presidente, Senhora Dr.^a D. Maria Natália Correia Guedes, na classificação agora efectuada, salvando-se, desta forma, mais um dos valores culturais do Algarve. E também, por parte da Exma. Assembleia Municipal do Concelho de Olhão e da respectiva Câmara Municipal.

O punhal a que faço alusão no texto (de cabo de marfim e bainha e com 0,29 m. de comprimento), pertence hoje ao meu primo e amigo, Sr. Francisco Luís de Mendonça Vergues, a quem muito agradeço a atenção de me deixar mandar tirar uma fotografia e proceder à sua publicação neste trabalho.

Fotos do Sr. Manuel de Horta Faria — Moncarapacho

A PONTE VELHA DE QUELFES

NOTAS DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

I — A Ponte Velha de Quelfes, situada no sítio de Montemor, é formada por um arco de volta completa, revestido em parte de aparelho constituído por blocos de calcário da região e de rochas sedimentares, estas com incrustações de cascas de moluscos, do género dum material usado pelos romanos em mós e pias.

A entrada e à saída da ponte há restos de calçadas, estas certamente em substituição de outras mais antigas, as quais também se verificavam na estrada que ultimamente foi alargada e, consequentemente, destruídas.

A extensão da ponte é de 23,65 m. E as dimensões do arco são as seguintes :

Largura	3,95 m.
Comprimento	2,95 m.
Altura do tímpano do arco à base	3,35 m.

Embora já restaurada, certamente mais de uma vez, as suas fundações, seu revestimento e a sua traça são romanos e sobre ela passava uma via que, tudo indica, se dirigia à cidade de Ossónoba, esta situada na região de Faro e não no Milreu (Estoi).

Analisando todos os blocos do paramento da ponte não se encontram quaisquer siglas que, a verificarem-se, não se trataria de uma ponte romana, mas sim medieval.

Por outro lado, bem próximo da ponte, num valado, esteve fixado o resto de uma ara romana, por nós estudado e publicado em 1974, no nosso trabalho «Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve», o qual foi por nós depositado no Museu Paroquial de Moncarapacho. E ainda junto da ponte se encontra um resto de parede muito grossa, duma alvenaria fortíssima, um autêntico cimento.

A ponte passa sobre a ribeira de Marim, local onde Estácio da Veiga e outros arqueólogos e estudiosos localizaram vasto espólio arqueológico romano, parte dele depositado no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa.

II — Mas a Ponte Velha de Quelfes além de ser uma ponte de origem romana é, sobretudo, um símbolo do patriotismo e da heroicidade do povo olhanense.

Foi sobre ela e junto dela que se deu, na tarde de 18 de Junho de 1808, o ataque contra os franceses que, dominando na altura todo o Algarve, vinham em marcha de Vila Real de Santo António para Faro.

Os patriotas de Olhão auxiliados pelos camponeses das redondezas e pelas milícias do Regimento da Comarca de Tavira, das quais faziam também parte o Capitão Madeira Nobre e o Alferes Leonardo Palermo de Faria,

mais tarde promovido a capitão por distinção, ambos de Moncarapacho, eram superiormente comandados pelo Capitão Sebastião Martins Mestre.

Nessa refrega morreram 18 soldados franceses e ficaram feridos 12. E da parte portuguesa apenas 1 camponês e alguns que não eram partidários da revolução que tinha rebentado em Olhão em 16 de Junho desse ano, ao som do rebate dos sinos da torre da sua Igreja Matriz.

Esse combate que poderia ter tido maiores resultados se os marítimos não se denunciassem imediatamente por detrás das moitas no meio do seu entusiasmo, foi dos primeiros em que as tropas de Napoleão foram derrotadas. Pode dizer-se que, foi à Ponte de Quelfes, que começaram a cair as primeiras penas das águias napoleónicas. E a luta prosseguiu nessa célebre tarde, não só à Ponte de Quelfes como pelos matos do Joinal, por onde os franceses se puseram em fuga, e à Meia Légua, podendo dizer-se que a tarde de 18 de Junho foi uma tarde gloriosa para os olhanenses e para todos os militares e *paisanos* que tomaram parte activa nessas operações.

Graças a estes acontecimentos, no dia seguinte Faro levantava também o pendão da revolta que se estendeu a todo o Algarve.

Símbolo da heroicidade do povo de Olhão e do seu concelho, esta pequena ponte de origem romana, deve ser conservada e restaurada quanto antes, assinalando-se numa lápide, os factos históricos aí, ocorridos durante as invasões francesas, ao mesmo tempo que deveria ser considerada como monumento nacional ou imóvel de interesse público, por forma a evitar-se a sua destruição.

18 de Junho de 1981.

Bibliografia: Alberto Iria — *A invasão de Junot no Algarve*, 1941.
Henrique de Campos Ferreira de Lima e Alberto de Sousa — *O Exército Português*, s/d.

J. Fernandes Mascarenhas — *A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos*, 1950.

Ataíde Oliveira — *Monografia do Concelho de Olhão da Restauração*.

Coronel Miguel Victoriano Pereira Garcia — *A Guerra Peninsular, suas causas e efeitos*, 1933.

Manuel João Paulo Rocha — *As Forças Militares de Lagos nas guerras da Restauração e Peninsular e nas pugnas da liberdade*, 1910.

Damião Augusto de Brito Vasconcelos — *Notícias Históricas de Tavira*, 1937.

João da Rosa — *Memória* (manuscrita) do escrivão do Compromisso de Olhão.

Documentação do Arquivo Histórico Militar de Lisboa.

J. Fernandes Mascarenhas — *Elementos de Arqueologia sobre o Algarve*, 1967.

— *Fornos de Cerâmica e Outros Vestígios Romanos do Algarve*, 1974.

N. da R. — O trabalho supra foi pelo Autor enviado à Direcção Geral do Património, a pedido desta, e ilustrado com cinco fotografias a cores.

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR:

No Rumo da Educação.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841 - 1958).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Considerações sobre os factores educativos e económico no cooperativismo.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo.

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve no Desenvolvimento Agro-Pecuário da Província (Comunicação às I Jornadas das Cooperativas de Crédito do Algarve).

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa).

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra.

(Comunicações apresentadas ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto a S. Gonçalo de Lagos».

A Herdade da Corouda e o Tratado das Terçarias de Moura.

A Conquista da Vitória (Manual organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica).

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).

A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho.

O Cerro de S. Miguel.

Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho.

Cinco séculos na vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho).

Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo.

Páginas Gonçalves — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem.

POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira.

O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios).

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.

Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa.

Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve.

Composto e impresso nas officinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
— Villa Real de Santo António —
— 500 ex. — 12 / 81 —